

**“ADEUS!- AS CINCO LETRAS DESESPERADAS DA VIDA NA DANÇA DO RITUAL DA MORTE”- SUICÍDIO E RELAÇÕES DE GÊNERO NO JORNAL PACOTILHA -O GLOBO (1949-1962)**

Luciana Costa da Silva Sousa

Mestranda em História

Universidade Federal do Maranhão

luciana.s.c@hotmail.com

**Resumo:** O suicídio ainda é um tabu nas sociedades do ocidente. O silêncio é reflexo desse preconceito e vemos materializar-se, por exemplo, nas famílias do suicida que muitas vezes evitam comentar o assunto. Este trabalho propõe, discutir suicídio e relações de gênero no jornal de São Luís, *Pacotilha -O Globo*, entre as décadas de 40 e 60. Nesse período que ficou conhecido como *Anos Dourados*, marcado por transformações no setor político, econômico, cultural, observamos a publicação de inúmeros casos de suicídio ocorridos nessa capital. Com uma população de 119.785 habitantes, segundo os dados do censo de 1950, homens e mulheres, em espaços diversos, de forma múltiplas, movidos por causas singulares, mataram-se ou tentaram morrer. O número de suicídios e tentativas variavam ao longo desse período, chegando a alcançar o número de 314 tentativas somente no ano 1955, segundo a notícia publicada por aquele jornal. Pretendemos identificar discursos sobre esse tipo de morte empregados nesse impresso, assim como, examinar na perspectiva de gênero, as notícias publicadas sobre o suicídio de homens ou de mulheres, e por fim, apresentar e analisar as cartas deixadas pelos suicidas.

Palavras- chaves: suicídio; gênero; jornal.

**“ADEUS!- AS CINCO LETRAS DESESPERADAS DA VIDA NA DANÇA DO RITUAL DA MORTE”- SUICÍDIO E RELAÇÕES DE GÊNERO NO JORNAL PACOTILHA- O GLOBO (1949-1962)**

Luciana Costa da Silva Sousa  
Universidade Federal do Maranhão  
luciana.s.c@hotmail.com

Conforme a matéria, “*Por quem os sinos dobram*”, publicada na Revista SUPERinteressante (edição-405/jul/2019), o número de suicídio é hoje maior do que o de todos homicídios e guerras. No Brasil, são quase 12 mil mortes por ano e 800 mil a cada ano no mundo todo. Pelos dados, o número de brasileiros que se mataram dobrou nos últimos vinte anos, em 1996 computaram-se 6,7 mil casos e em 2016, 11,4 mil. Hoje, o Brasil é o oitavo país com mais ocorrências registradas.

Observamos que mesmo existindo campanhas governamentais para combater o suicídio (*Setembro Amarelo*); centrais de ajuda (*Centro de Valorização da vida*); manuais destinados a profissionais da área da saúde e até mesmo da imprensa (*Comportamento suicida: conhecer para prevenir*) que servem como meios de orientação e prevenção, ainda permanece o mito de que silenciar é a melhor maneira para não aumentar os riscos.

Para George Minois (1994, p. 399), há a necessidade de se discutir sobre esse tipo de morte, tentar compreender e não mais julgar esses indivíduos. Segundo o autor, ainda existe reprovação implícita e muitas contradições, “admiração pelos suicídios na literatura, pelos suicídios em combate de militares que recusam abandonar seu posto” e “condenação” aos que não parecem impulsionados por “motivos nobres”.

Além do silêncio, precisamos também duvidar, questionar, interrogar discursos que repercutem na sociedade de que o indivíduo que voluntariamente se suicidou era um louco, um doente mental. Pela avaliação da OMS, 90% dos casos estão relacionados a transtornos da mente (depressão, esquizofrenia, dependência do álcool e transtorno de personalidade), todavia é preciso expor outros fatores que colaboram para prática suicida.

A discriminação, o preconceito e o bullying são algumas causas apontadas pela revista a essa forma de morrer. Além de jovens negros, indígenas, a comunidade LGBT seria mais vulnerável: “Jovens rejeitados pela família por serem gays têm até 8,4 vezes mais chances de tentar suicídio”(2019, p.56). Esses dados, segundo a revista, consta de um relatório global divulgado em 2018 pela *Transgender Europe*, uma rede que agrupa diversas entidades ligadas às causas de gênero na Europa.

Reportagens, como essa, nos leva a pensar o quanto é importante abordar essa temática nos dias atuais e analisá-la a partir de diferentes campos científicos. Propomos, então, uma discussão na área da história, investigando na perspectiva de gênero, o suicídio em um periódico de São Luís chamado *Pacotilha- O Globo*.

Nas últimas décadas, o suicídio tem sido objeto de estudo na historiografia brasileira, com algumas abordagens, utilização de fontes e referenciais teóricos diversificados, que ampliam o conhecimento sobre o tema. Com a publicação de livros, teses, dissertações, monografias e a apresentação de comunicações orais nesse campo um novo espaço se constituiu para analisar esse tema. Trabalharmos com essa temática, especificamente no Maranhão, é não nos restringirmos e sim, confrontarmos as referências bibliográficas brasileiras que dominaram esse assunto nos últimos séculos, já que, de acordo com Lopes (1998, p.2)

Um levantamento da literatura sobre o suicídio revelou-nos que a maioria dos pesquisadores que se dedicam e que se dedicaram ao estudo desse fenômeno são profissionais da área da saúde mental. Esta bibliografia trata de implicações psiquiátricas, psicológicas e psicanalíticas e nelas muitas vezes o suicídio é apresentado como uma delinquência, um sintoma ou uma variante deste obscuro universo das doenças mentais, surgindo também, diversos termos para a classificação dos suicidas, por exemplo, suicidomaníaco, monomaníaco entre outros.

No Maranhão, existem poucas referências sobre essa temática. Procuramos em monografias, dissertações e em teses de doutorado encontramos algumas citações, mas entre esses o suicídio não foi abordado como tópico principal. Trabalhar com temas variados que de certa forma se distancia dos assuntos mais trabalhados na historiografia maranhense é de suma importância tanto para enriquecer os trabalhos destes campos específicos como ampliar a pesquisa brasileira sobre esse assunto.

Pesquisar o tema possibilita novas reflexões sobre essa forma de morrer e sobre o sujeito que se mata. Quanto a questão de gênero, os casos de suicídio permitem identificar as diferenças sexuais que foram construídas historicamente na sociedade ocidental e que não podemos jamais percebê-la como naturais e determinadas. Permitem também visualizar concepções sobre o papel da mulher e do homem naquela sociedade, bem como proporcionam analisar as práticas sociais desses sujeitos em São Luís no período aqui tratado. Entendo, portanto, que esse estudo nos ajuda a problematizar, trazer a leitura, ao conhecimento do público que o suicídio também foi uma das saídas para as desigualdades sociais existentes entre homens e mulheres, defendidas no tempo e no espaço histórico, e que jamais podem ser pensadas como naturalizadas.

Começamos a pesquisar casos de suicídios na década de 40 e, posteriormente, encontramos, um número grande de notícias de suicídio e tentativas de suicídio de mulheres na década de 50, o que nos possibilitou começar um estudo sobre aquela temática. Encontramos esses registros no jornal *Pacotilha- O Globo* que foi um diário associado entre os anos de 1949 a 1962.

Segundo Castro e Fagundes (2012, p.235), o *Pacotilha- O Globo* era um órgão dos *Diários Associados*, empresa pertencente a Assis Chateaubriand que possuía 31 jornais diários, 25 estações de rádio e nove estações de televisão, cobrindo 17 estados brasileiros. Esse jornal surgiu no ano de 1949, por uma fusão entre o *Pacotilha* e o *O Globo*. Seu últimos exemplares se deram no ano 1962.

É através dessa folha diária que o suicídio vai sendo relatado para o público leitor do Maranhão e de outras regiões. Além disso, esse periódico maranhense apresentava contos, poemas que tratavam do comportamento suicida, e fazia propagandas de remédios para combater a mania suicida. Através desse, compreendemos a difusão de valores e saberes, os quais aquele diário, em processo de seleção, ordenação, estruturação e de narrativa, conforme afirma Tânia de Luca (2005, p.139), “elegu como digno de se chegar ao público”.

Nessa cidade, que contava com uma população de 119.785 habitantes, segundo os dados do censo de 1950, O número de suicídios e tentativas variaram ao longo desse período, chegando a alcançar o número de 314 tentativas somente no ano de 1955,

segundo a notícia publicada por aquele jornal no dia 2 de janeiro de 1956. Dos golpes com faca à bebida com soda caustica e café, aquele periódico fotografava, descrevia o nome, a idade, a profissão, o lugar e o motivo que levou aquele sujeito a tal ato.

**“Estranho coquetel para morrer: guaraná, venenos e gasolina!”**

Consuelo, tinha 22 anos, solteira, branca e moradora do bairro Diamante. A “tresloucada criatura” tentara se suicidar, na madrugada do dia 27 de agosto de 1955, ingerindo água misturada com açúcar, acetileno, comprimidos de cibazol e vidro moído. Por ter perdido a virgindade, ter ficado grávida e por ter sido “desamparada” pelo então namorado, Alberto Silva, optou pelo suicídio. De acordo com o diário, *Pacotilha- O Globo*, a jovem se achava “envergonhada e sem poder contar tudo a família”. A notícia foi apresentada ao leitor na última página do jornal, em negrito, com o seguinte título **“Pelos caminhos do suicídio- ABANDONADA PELO SEDUTOR A JOVEM BEBEU VENENO- Encontrava-se no segundo mês de gestação- Detalhes.”**

No mês anterior, o mesmo jornal registrava outro caso de suicídio ocorrido na cidade. Sob o título **“Tentou o suicídio na praça João Lisboa”**, o diário relatava a tentativa de pôr fim à vida da mulher Raimunda Rodrigues de Aquino:

Movida pelo desespero, tentou suicidar-se em plena praça João Lisboa, as 16 horas de ontem, a mulher Raimunda Rodrigues de Aquino, moradora à rua 13 de Maio 82.  
SURPREENDIDA POR UM POLICIAL

Ao que apuramos junto à Permanência da Central, Raimunda aproximou-se de um balcão de um bar localizado no Abrigo Novo e pediu um copo cheio com água. A infeliz criatura retirou da bolsa um pacotezinho contendo Neocid e fez a mistura. Ingeriu o tóxico e ao sentir-se mal, foi socorrida pelo guarda-civil 52. Raimunda, escoltada pelo policial, compareceu à presença do comissário de plantão que a recolheu a um dos xadrezes. Mais tarde, a mulher foi posta em liberdade, sendo medicada no Hospital do Pronto Socorro, recolhendo-se, após, a sua residência. A Polícia não descobriu o motivo pelo qual Raimunda tentou dar cabo à existência.

A partir desses casos, indagamos quais discursos são articulados nos jornais a essa forma de morrer e àquele que se matou ou tentou matar-se? Existem diferenciações nas notícias ao se publicar casos de suicídio de homens ou de mulheres? Quais memórias narradas e deixadas nas cartas por esses sujeitos suicidas? Quem são esses indivíduos? Existem silenciamentos?

Geralmente, essas notícias vinham publicadas na última página do jornal que era destinado `a informações de origem local. Na primeira, encontrava-se reportagens internacionais, nacionais, regionais e da própria localidade. Existia também a seção “sociais”, a coluna de Austregesilo de Athayde, propagandas, compondo a segunda página do diário e na terceira ficava as matérias esportivas.

Quando publicavam casos de suicídios ou de outros crimes, apresentavam em caixa-alta, letras em negrito, com títulos sensacionalistas: **“INGERIU ALCOOL , INTRODUIZIU A CABEÇA NO SIFÃO E CRAVOU UM CANIVETE NO PESCOÇO. TÉTRICOS DETALHES DO ESPETACULAR SUICÍDIO DO MECÂNICO JOVINO GOMES, DA S. LUIZ-TEREZINA.”**; **“BEBEU LIZOL COM CALDO DE CARNE COSIDA:45 ANOS.”**; **“INSTITUÍDO, ONTEM, EM S. LUIZ, O “DIA DOS SUICIDAS”. BEBEU QUEROZENE MISTURADO COM CACHAÇA E 4 MOEDAS DE Cr.\$0,20.”**

Sebastião Jorge (2010), relata que esse jornal explorava notícias policiais. Com o intuito de despertar a atenção do público e obter lucro , o periódico colocava do lado de fora do prédio em que funcionava, um fio amarrado na janela e prendia cartazes com os títulos chamativos. Também eram colocados cavaletes na praça João Lisboa anunciando as matérias do dia. Além disso, havia uma cigarra eletrônica que anunciava os casos impactantes e jornalheiros que gritavam as manchetes no centro e no bairro da cidade. No prédio desse periódico, formavam-se filas esperando a distribuição do vespertino.

Nesta pesquisa, trabalhamos a noção de representação proposta por Roger Chartier (2002, p. 16-17) que identifica o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Para ele, as representações são os “esquemas intelectuais que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (2002, p.17). Nesse sentido, a representação torna-se produto de uma prática, pois os grupos sociais representam a realidade tal como pensam ou como gostariam que fossem, dessa forma, se apropriam do real, atribuindo-lhe significações simbólicas, discursos que objetivam o reconhecimento de uma identidade (2002,p.19-23). Daí, se

pensa: Que tipos de discursos são apropriados por esses periódicos pra representar os casos de suicídio ocorridos naquele período na cidade de São Luís?

Á princípio, observamos que muitos dos casos publicados nesse jornal relacionou o suicídio a doença mental, a um tipo de loucura, desespero e por sua vez, o suicida era representado como um louco, um infeliz. Vimos nos dois casos acima, esses termos empregados pelo jornal ao noticiarem a tentativa de suicídio de Consuelo e de Raimunda. De acordo com Fábio Henrique Lopes (1998, p.20), esses conceitos empregados eram referentes ao discurso médico, “segundo qual o suicida era o doente, o louco, o desesperado...”. Conforme Lopes (2008), o saber médico estabeleceu uma classificação conceitual ao suicídio, que não será a de pecado, ou crime, mais de uma morte provocada por uma patologia.

Percebemos também que muitos dos suicídios de mulheres noticiados naquele jornal estavam muitas vezes relacionados à infidelidade conjugal, ao abandono do lar por parte do marido, a perda da honra fruto, por exemplo, de um desvirginamento. O caso de Consuelo da Cunha Melo nos mostra como o jornal representava o suicídio de mulheres a questões íntimo-afetivas.

Notamos, no que concerne ao suicídio de homens publicado no *Pacotilha- O Globo*, representações vinculadas à falta de emprego, a dificuldades financeiras, a velhice, a doenças, algumas ao afetivo e outras ao alcoolismo e a diamba. Por meio da pesquisa, temos compreendido que havia distinções entre os gêneros nas representações de suicídios.

Entendemos aqui a categoria gênero conforme explica Joan Scott (2010) como um elemento constituído das relações sociais estabelecidas sobre as diferenças percebidas entre os sexos quanto a uma primeira forma de significar relações de poder. Usando essa perspectiva e outros estudos Cristina Wolff e Rafael Saldanha (2015) explicam os aspectos principais ao trabalhar com essa categoria. Para eles, o gênero faz parte das relações sociais, assim como classe, etnia e outras categorias. Ele é uma construção, está relacionado à cultura, à história e à formação social, por isso não pode ser pensado como natural, pré-determinado ao nascimento de qualquer pessoa. Consideram (2005, p.36) , por seguinte, gênero como poder, hierarquia:

As sociedades estabelecem lugares sociais que são demarcados em termos de gênero, classe, raça, geração, religião, entre outros. Mas o gênero tem sido, nas sociedades que conhecemos, o primeiro desses critérios, aquele que estabelece, desde que a pessoa nasce e é identificada a partir de características sexuais com papéis esperados de gênero, que atividades ela poderá exercer em sua vida, e quanto poder terá em suas relações. Nas sociedades que conhecemos, esta hierarquia é de tipo “patriarcal”, ou seja, são as pessoas identificadas com o gênero masculino que detêm a maior parte do poder.

Lopes (2008) coloca que no século XIX, médicos brasileiros fizeram diferenciações sexuais do suicídio, através das diferenças físicas e biológicas, buscaram naturalizar o campo feminino e masculino e relacioná-los à temática do suicídio. Mulheres seriam menos propensas a matar-se por serem fracas do intelecto e do físico e por serem emotivas. Os homens se suicidavam mais, por serem, naturalmente, seres decididos, racionais, possuidores de força intelectual e física.

O casamento apresentava-se, segundo Lopes (2008, p. 139), como uma arma contra o suicídio. O homem com responsabilidade para com sua família, não se entregaria tão rápido ao suicídio:

Seus deveres como pai e marido apontavam na direção de ganhar dinheiro para o sustento da família. A mulher, por sua vez, ocupando-se de suas tarefas de *esposa-dona-de-casa-mãe-família*, afastar-se-ia do suicídio por respeitar e cumprir o que se esperava dela- se ocupar com os deveres de ser esposa, tendo ainda que cumprir sua finalidade reprodutora e, em seguida, responsabilizar-se pelos cuidados e supervisão da educação dos filhos.

Para Pedro Falk (2011, p.172), médicos elaboraram também estudos sobre suicídio e relações de gênero no século XX. O discurso de que o homem seria mais inclinado a esse tipo de morte, manteve-se, e estava relacionado à ideia de que esse seria do sexo forte; teria mais responsabilidades sociais; eram provedores da família e seriam mais seguros. O autor (2011, p. 184), analisando a tese de Quintino Castellar Costa, *Do Suicídio e sua Prophylaxia*, expõe que o casamento era uma medida profilática para combater o suicídio, um meio de valorizar a família, evitar a sexualidade viciosa e as doenças venéreas.

De acordo com Pinsky (2014), mesmo com as transformações ocorridas no Brasil pós-segunda guerra mundial, ainda prevalecia “aspectos tradicionais das relações

de gênero, como as distinções de papéis com base no sexo, a valorização da castidade para a mulher e a moral sexual diferenciada para homens e mulheres” (2014, p.5).

A família conjugal era o padrão dominante, a legislação ainda reconhecia o trabalho do homem como fonte de recurso principal e também destacava a figura da mulher relacionada ao lar e a procriação. Por fim a instituição católica, continuava sendo a orientadora de conduta e permanecia em defesa de visões conservadoras, como a submissão da esposa ao marido e a proibição da dissolução do casamento (PINSKY, 2014, p.7).

Retomando ao caso de Consuelo, podemos compreender, “a vergonha” empregada pelo jornal ao ato de Consuelo, como uma forma de representar um comportamento que transgredia os valores daquela sociedade: ter relação sexual antes do casamento, ou seja, perder a virgindade sem atestar o matrimônio. E mais, ficar grávida e ser mãe solteira, não sendo casada, eram condutas contrárias ao contexto social conservador daquela época, como bem informamos acima.

Sandra Nascimento (2007, p.1) explica que nos anos 50 e 60, a mulher poderia frequentar espaços públicos restritos, “o centro de sua atuação e “realização” segundo cânones ideológicos, seria o *Lar, os Filhos e o Marido*”. Esse papel direcionado a mulher, era bastante defendido pelo *Jornal do Maranhão- Semanário de Orientação Católica*. Esse a representava como a “principal responsável pela preservação da felicidade do lar”, possuidora de “natureza mais delicada e sentimental”, teria a “missão de apaziguar, compreender, tolerar, perdoar e, sobretudo, amar”. Abordando o discurso religioso, apontava as diferenças sexuais, naturalizando-as e orientava a sociedade de São Luís sobre o que seria próprio do campo feminino e do masculino.

Pelo que observamos nesse jornal, o divórcio e a ausência de castidade eram fatores que causariam o suicídio. Além de ser representado como um ato pecaminoso, o periódico também sinalizava que a crescente “onda de suicídios e crimes” estaria relacionada aos casos publicados em jornais, a temática suicida em revistas e em filmes rodados nos cinemas da cidade. Diante disso, o impresso fazia campanha em favor de uma “imprensa sadia” e censurava alguns filmes que abordassem atitudes “impróprias”, como o suicídio.

Descrevemos no começo desse tópico, a tentativa de suicídio de Raimunda Rodrigues de Aquino. Percebemos nesse caso que, mesmo Raimunda passando mal por conta do remédio que havia tomado, não foi levada ao hospital imediatamente, mas o procedimento dado a ela foi o recolhimento a uma das celas da polícia.

De acordo com o Código Penal de 1940, o suicídio não era considerado crime, mas induzir ou instigar alguém ou prestar-lhe auxílio para que o fizesse acarretava pena, conforme o artigo 122 da referida lei:

**Art. 122** –Induzir ou instigar alguém a suicidar-se ou prestar-lhe para que o faça: Pena- reclusão, de dois a seis anos, se o suicídio se consuma; ou reclusão, de um a três anos, se da tentativa de suicídio resulta lesão corporal de natureza grave.

**Parágrafo único**- A pena é duplicada:

**I**- se o crime é praticado por motivo egoístico;

**II**- se a vítima é menor ou tem diminuta, por qualquer causa, a capacidade de resistência.

Como podemos perceber através desse artigo não havia penalidade para aquele que cometesse suicídio nem para aquele que tentasse se suicidar. Entretanto, verificamos que em algumas ocorrências de suicídio a polícia atuava prendendo mulheres, principalmente prostitutas. No que tange a essas últimas, podemos pensar que por não se enquadrarem ao padrão moral desse período eram penalizadas com esse tipo de procedimento, antes de serem submetidas ao atendimento hospitalar. Não encontramos também nenhuma prisão de homens, após uma tentativa de suicídio no período o qual nos propomos a estudar.

Até aqui, propomos analisar dois casos de tentativa suicida publicados no jornal *Pacotilha- O Globo*. Apontamos algumas hipóteses, de início, de como essa forma de morrer e esse sujeito eram representados, observamos diferenciações de gênero, silenciamentos, e pretendemos também analisar as cartas, os bilhetes deixados pelos suicidas.

Em 19 de abril de 1956, esse periódico publicou a tentativa de suicídio de Maria de Lourdes Pereira. Tinha 18 anos e residia no bairro Primeiro Apeodouro. Conforme o diário, por ter sido “abandonada pelo amante”, Maria provocara o suicídio. Mas o bilhete deixado por ela, expunha outras causas, diferente da que era apresentada para o leitor. Miséria, infelicidade, violência verbal e física que Maria sofria do ex-marido

foram fatores que a levou decidir pelo suicídio. Para ela, morrer seria “o melhor, o mais suave de tudo” diante do sofrimento:

**“ O melhor, o mais suave de tudo é morrer”- O bilhete da quase suicida.**

Dentro da mala pertencente a Maria de Lourdes Pereira, a jovem de 18 anos que após ter ingerido gaiacol com sulfona, tentou enforca-se ante-ontem, no bairro do Primeiro Apeodoro, por ter sido abandonada pelo amante, que vai casar-se com outra, sendo salva pela sua genitora, d. Anália Pereira, foi encontrada uma carta, a qual lida, antecipadamente, a salvou da morte trágica.

A reportagem conseguiu cópia da carta que Maria de Lourdes redigira, à lápis, à sua mãe.

Eis o teor da carta:

“S. Luiz 17.

Mamãe:

Abençoe-me

A senhora sabe que nunca fui feliz. Nunca. Nossa família sempre viveu engolfada num mar de misérias. Perdi-me com um homem que me enganou. Perdoei-o. E continuei vivendo com ele, pois a minha situação era terrível. Era de miséria e em miséria naufraguei-me. A senhora sabe que fui morar com João. A princípio, tudo bem. Depois ele deu para beber. Sim, beber demais. Seu álcool chegou a tanto que deu motivo para que João me espancasse, a ponto de me deixar marcas no corpo e na alma. Fugí, bem sabe. Vim morar com a senhora, pois não aguentava mais aquela vida de fome, insultos e, ainda mais, pontilhada de pancadas brutais que me provocava revolta.

Sai de uma miséria pra entrar em outra desgraça.

Não suporto mais essa vida.

O melhor, o mais suave de tudo é morrer. Somente a senhora como mãe sabe o porque eu vou morrer. Não me amaldiçoe. Reze por mim.

Ass.) Maria de Lourdes.”

Através dessa carta, ela narrava as suas experiências, suas emoções e suas crenças, pedia para mãe que não a amaldiçoasse e que rezasse por ela. Lucinda Delgado (2003), define memória a partir de múltiplos conceitos (lembranças, afirmação e manifestação de identidades, etc) e que as narrativas, orais ou escritas, são instrumentos, registros importantes de preservação e transmissão das experiências mais simples da vida cotidiana como também das heranças hereditárias e das tradições.

Conforme Marcelo Carvalho (2013), os jornais publicavam as cartas do suicida, com o intuito sensacionalista e de buscar maior veracidade nas notícias. Observamos que no caso de Maria de Lourdes, além do sensacionalismo, expresso, por exemplo, no título da notícia **“O melhor, o mais suave de tudo é morrer”- O bilhete da quase suicida**”, o jornal silenciava as causas- miséria, violência de gênero- que levava Maria àquele forma de morrer. Esses escritos, portanto, nos mostra as memórias narradas por

aqueles indivíduos e possibilita à pesquisa histórica pensar o suicídio a partir do próprio suicida, e não somente da literatura, de instituições que se encarregaram de estudá-lo.

Nesse artigo, trabalhamos suicídio e relações de gênero no jornal *Pacotilha- O Globo* no período de 1949 a 1962. Apresentamos, algumas notícias publicadas, sinalizando questionamentos, apontando algumas hipóteses para esse trabalho. Pretendemos, portanto, adicionar aos estudos existentes, novos caminhos para se pensar essa temática. Historicizar a morte por suicídio, torna-se imprescindível, pois proporciona novos conhecimentos à sociedade e nos leva a pensá-lo como construção histórica, elaborado em tempo e espaço diferenciados.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Anuário Estatístico do Maranhão 1956. **Departamento Estadual de Estatística-** órgão do Conselho de Estatística (IBGE). Disponível em: <https://archive.org/stream/anuario1956ma#page/n13/mode/2up> Acesso em: 02 Agos. 2019.

Bebeu lizol com caldo de carne cosida: 45 anos. **Pacotilha- O Globo**. São Luís, Maranhão, edição 107, 11 maio, 1954, p.4. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 02 agos. 2019.

Bebeu querozene misturado com cachaça e 4 moedas de Cr.\$0,20. **Pacotilha – O Globo**. São Luís, Maranhão, edição 207, 11 dezembro, 1954, p. 4. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 02 agos. 2019.

BRASILEIRO, Código Penal. Decreto-lei de 7 de dezembro de 1940. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/de12848.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/de12848.htm) Acesso em: 28 jul. 2019.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. 2ed. Lisboa: DIFEL, 2002.

CASTRO, Silvio Rogério Rocha de; FAGUNDES, Esnel José. São Luís 400 anos: breve levantamento do jornalismo impresso em São Luís do Maranhão. **Cambiassu- Revista Científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão**. São Luís, Maranhão, janeiro/junho 2012, ano 9, nº10, p. 226-240. Disponível em: <http://www.cambiassu.ufma.br/cambi2012.1/jose.pdf> Acesso em: 02 agos. 2019.

CARVALHO, Marcelo José Pereira. Escritos sobre culpa, esperança e saudade: a publicação, em jornal, das cartas de suicidas na Belém da virada dos séculos XIX e XX.

In: **Anais do XXVII Encontro Nacional de História**. Natal, Rio Grande do Norte, 2013. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/33-snh27?start=1100> Acesso em: 30 jul. 2019.

DELGADO, Lucinda de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. In: **IV Encontro Nacional de História Oral** (Rio de Janeiro), São Paulo, v.6, 2003, p. 9-26.

FALK, Pedro Frederico. **Retratos sombrios da modernidade**: memórias do suicídio no Recife durante a década de 1920. 287f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7527> Acesso em: 28 jul. 2019.

Ingeriu álcool, introduziu a cabeça no sifão e cravou um canivete no pescoço. Tétricos detalhes do espetacular suicídio do mecânico Jovino Gomes, da S. Luiz -Terezina. **Pacotilha – O Globo**. São Luís, Maranhão, edição 81, 08 abril, 1952, p. 4. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/h> Acesso em: 02 agos. 2019.

JORGE, Sebastião Barros. Um jornal com 84 anos de história. **Observatório de imprensa**. Edição 589, 2010. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/um-jornal-com-84-anos-de-historia/> Acesso: 02 agos. 2019.

JORNAL DO MARANHÃO- Semanário de Orientação Católica. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> .

LACERDA, Ricardo; LIMA, Laura. Por quem os sinos dobram. **Revista SUPERinteressante**. São Paulo: editora Abril, edição 405, julho, 2019, p. 52-59.

LOPES, Fabio Henrique. **Suicídio e saber médico**: estratégias históricas de domínio, controle e intervenção no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: Apicuru, 2008.

\_\_\_\_\_. **Suicídio sem fronteira**: entre a razão e a desordem mental. 127f. Dissertação (Mestrado de História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/282043> Acesso em: 28 jul. 2019.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos, e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11- 153.

MINOIS, George. **História do suicídio**. A sociedade ocidental perante a morte voluntária. Trad. Serafim Ferreira. Lisboa: Teorema, 1998.

O melhor, o mais suave de tudo é morrer- O bilhete da quase suicida. **Pacotilha- O Globo**. São Luís, Maranhão, edição 92, 19 Abril, 1956, p.4. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 30 jul. 2019.

Pelos caminhos do suicídio- ABANDONADA PELO SEDUTOR A JOVEM BEBEU VENENO- Encontrava-se no segundo mês de gestação- Detalhes. **Pacotilha- O Globo**. São Luís, Maranhão, edição 124, 27 agosto, 1955, p.4. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 28 jul. 2019.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

SALDANHA, Rafael Araújo; WOLFF, Cristina Scheibe. Gênero, sexo, sexualidades- Categorias do debate contemporâneo. **Retratos da Escola**, v.9, nº16, 2015, p.29-46. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/482> Acesso em: 28 jul. 2019.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul/dez. 1995, pp. 71-99. Disponível em: [https://archive.org/details/scott\\_gender/page/n15](https://archive.org/details/scott_gender/page/n15) Acesso em: 28 jul. 2019.

SOUSA, Sandra Maria Nascimento. Império da folia e a máscara da repressão. In: **III Jornada de Políticas Públicas**, 2007, São Luís, livro digital, 2007. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos/EixoTematicoE/269d374da839c2dc089bsandra%20Nascimento%20Sousa.pdf> Acesso em: 28 jul. 2019.

Tentou o suicídio na praça João Lisboa. **Pacotilha- O Globo**. São Luís-MA, edição 98, 26 julho, 1955, p.4. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>